



Después de la pandemia del covid-19 y la consolidación de la comunicación digital, periodistas, medios, Estado y academia enfrentan los nuevos desafíos con los que manejar tanto los nuevos escenarios como los problemas no resueltos en Iberoamérica, aunque no siempre lo afrontan de manera conjunta. A ello se suma la creciente velocidad con la que cambia la realidad mediática y política en la que nos movemos.

Este libro recoge los aportes de un conjunto de autores sobre las distintas dimensiones que componen el nuevo escenario mediático en la región. Para ello, se incluyen reflexiones y datos sobre el rol de los medios durante la pandemia, sobre formas de comunicación no hegemónica y sobre el ejercicio profesional e investigativo de la Comunicación y de las Relaciones Públicas. Cada uno de los capítulos que conforman esta obra contribuye con herramientas, reflexiones y/o datos para entender la realidad comunicativa y mediática de la región iberoamericana, así como los cambios y los retos que se presentan a una velocidad cada vez mayor.

Todos estos aportes convierten esta obra en una herramienta provocadora, útil y necesaria para docentes, investigadores, estudiantes y profesionales de la comunicación con interés en Iberoamérica, pero también para el ciudadano con interés en conocer las dinámicas mediáticas y las relaciones de poder actuales.

**Medios y periodistas en un mundo cambiante**  
Iberoamérica en la encrucijada

Palmira Chavero  
Fernando Pesántez-Avilés  
Fernando Moscoso-Merchán  
(Eds.)



## Medios y periodistas en un mundo cambiante

### Iberoamérica en la encrucijada

Palmira Chavero  
Fernando Pesántez-Avilés  
Fernando Moscoso-Merchán  
(Eds.)

# MEDIOS Y PERIODISTAS EN UN MUNDO CAMBIANTE

## Iberoamérica en la encrucijada

Palmira Chavero  
Fernando Pesántez-Avilés  
Fernando Moscoso-Merchán  
*(Eds.)*



**tirant lo blanch**  
Bogotá D.C., 2023

Copyright © 2023

Todos los derechos reservados. Ni la totalidad ni parte de este libro puede reproducirse o transmitirse por ningún procedimiento electrónico o mecánico, incluyendo fotocopia, grabación magnética, o cualquier almacenamiento de información y sistema de recuperación sin permiso escrito de los autores y del editor.

En caso de erratas y actualizaciones, la Editorial Tirant lo Blanch publicará la pertinente corrección en la página web [www.tirant.com](http://www.tirant.com)

Medios y periodistas en un mundo cambiante : Iberoamérica en la encrucijada.  
-- / Palmira Chavero, Fernando Pesántez-Avilés y Fernando Moscoso-Merchán,  
editores. -- Primera edición. -- Bogotá : Tirant lo Blanch, 2023.  
361 páginas.  
Incluye referencias bibliográficas.  
ISBN: 978-84-19825-24-7  
1. Periodismo. 2. Redes sociales. 3. Covid-19 (Enfermedad). Medios de comunicación de masas – Aspectos sociales. I. Chavero, Palmira, editor. II. Pesántez Avilés, Fernando, editor. III. Moscoso Merchán, Fernando, editor.  
LC: P91.3  
CDD: 302.23 ed. 23  
Catalogación en publicación de la Biblioteca Carlos Gaviria Díaz

© Palmira Chavero  
Fernando Pesántez-Avilés  
Fernando Moscoso-Merchán  
(Eds.)

© TIRANT LO BLANCH  
EDITA: TIRANT HUMANIDADES  
Calle 11 # 2-16 (Bogotá D.C.)  
Telf.: 4660171  
Email: [tlb@tirant.com](mailto:tlb@tirant.com)  
Librería virtual: [www.tirant.com/co/](http://www.tirant.com/co/)  
ISBN: 978-84-19825-24-7

Si tiene alguna queja o sugerencia, envíenos un mail a: [atencioncliente@tirant.com](mailto:atencioncliente@tirant.com).  
En caso de no ser atendida su sugerencia, por favor, lea en [www.tirant.net/index.php/empresa/politicas-de-empresa](http://www.tirant.net/index.php/empresa/politicas-de-empresa) nuestro procedimiento de quejas.

Responsabilidad Social Corporativa: <http://www.tirant.net/Docs/RSCTirant.pdf>

## Capítulo 1.

# COVID-19: AS CRIANÇAS PORTUGUESAS ESTÃO BEM INFORMADAS?

*João Pedro Baptista*<sup>\*</sup>

*Bianca Persici Toniolo*<sup>\*\*</sup>

*Valeriano Piñeiro-Naval*<sup>\*\*\*</sup>

*Cecília Ramos*<sup>\*\*\*\*</sup>

*Anabela Gradim*<sup>\*\*\*\*\*</sup>

---

<sup>\*</sup> Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Universidade da Beira Interior, LabCom – Comunicação e Artes, Faculdade de Artes e Letras, Covilhã, Portugal, <https://orcid.org/0000-0002-3684-1923>, [baptistajoao902@gmail.com](mailto:baptistajoao902@gmail.com)

<sup>\*\*</sup> Fundação para a Ciência e a Tecnologia e Universidade da Beira Interior, LabCom – Comunicação e Artes, Faculdade de Artes e Letras, Covilhã, Portugal, <https://orcid.org/0000-0001-5496-6271>, [bianca.toniolo@ubi.pt](mailto:bianca.toniolo@ubi.pt)

<sup>\*\*\*</sup> Observatorio de los Contenidos Audiovisuales, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Salamanca, Salamanca, España, <http://orcid.org/0000-0001-9521-3364>, [vale.naval@usal.es](mailto:vale.naval@usal.es)

<sup>\*\*\*\*</sup> Universidade da Beira Interior, LabCom – Comunicação e Artes, Faculdade de Artes e Letras, Covilhã, Portugal, <https://orcid.org/0000-0002-6901-3868>, [ceciliacr@gmail.com](mailto:ceciliacr@gmail.com)

<sup>\*\*\*\*\*</sup> Universidade da Beira Interior, LabCom – Comunicação e Artes, Faculdade de Artes e Letras, Covilhã, Portugal, <https://orcid.org/0000-0001-6968-1957>, [anabela.gradim@labcom.ubi.pt](mailto:anabela.gradim@labcom.ubi.pt)

## Resumo

A crise de saúde pública provocada pela COVID-19 tornou-se palco fértil para a desinformação. Neste trabalho, avaliamos o conhecimento das crianças portuguesas, entre os três e os onze anos, sobre a pandemia, aplicando um questionário a uma amostra de 960 crianças, expostas a um conjunto de informações enganosas e verdadeiras. O inquérito foi divulgado durante o primeiro Estado de Emergência, numa altura em que as crianças estavam em regime de ensino *online*. De um modo geral, as crianças identificaram as declarações verdadeiras relacionadas com a doença. Embora permeáveis à informação falsa, a maioria conseguiu reconhecê-la, acreditando muito mais na informação verdadeira. Os dados indicam, ainda, que quanto mais as crianças conseguem identificar a informação verdadeira, menos acreditam na informação falsa. O estudo também identificou que mais de 75 % dos inquiridos temem o vírus, independentemente da sua idade ou literacia relativamente ao tema.

**Palavras-chave:** Informação Falsa; Desinformação; COVID-19; Crianças; Portugal.

## Introdução

A pandemia COVID-19 tem causado uma grave crise internacional, de cariz social, político e cultural, pela forma negativa como está a afetar a verdade científica, o jornalismo e a democracia<sup>1,2,3</sup>. Mais do perigo epidemiológico que representa, a COVID-19 tem servido como argumento de narrativas populistas e extremistas, para alimentar conspirações e para incutir desconfiança nos agentes políticos e nas instituições democráticas.<sup>4,5,6,7</sup> O consumo e a disseminação de desinformação sobre a COVID-19 dispararam nas redes sociais digitais.

---

<sup>1</sup> Francesc Amat, Andreu Arenas, Albert Falcó-Gimeno y Jordi Muñoz, “Pandemics Meet Democracy. Experimental Evidence from the COVID-19 Crisis in Spain”, *SocArXiv* 6 (2020). <https://doi.org/31235/osf.io/dkusw>.

<sup>2</sup> María Jesús Fernández-Torres, Ana Almansa-Martínez y Rocío Chamizo-Sánchez, “Infodemic and fake news in Spain during the COVID-19 pandemic”, *International journal of environmental research and public health* 18, no 4 (2021): 1781. <https://doi.org/10.3390/ijerph18041781>.

<sup>3</sup> Petra Guasti, “The impact of the Covid-19 pandemic in Central and Eastern Europe: The rise of autocracy and democratic resilience”, *Democratic Theory* 7, 2 (2020): 47-60. <https://doi.org/10.3167/dt.2020.070207>

<sup>4</sup> Jakob-Moritz Eberl, Robert A. Huber y Esther Greussing, “From Populism to the ‘plandemic: Why Populists Believe in COVID-19 Conspiracies”, *SocArXiv* 4 (2020): 272-284. <https://doi.org/10.31235/osf.io/ejpw7>

<sup>5</sup> Luiz, Thiago Cury, “Populismo e desinformação no contexto da Covid-19: uma reflexão em torno das manifestações de Jair Bolsonaro durante a pandemia”, *Mediapolis—Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público* 11 (2020): 57-70. [https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_11\\_4](https://doi.org/10.14195/2183-6019_11_4)

<sup>6</sup> Paulino Fernando Oliveira, Silvio Waisbord, “Las narrativas del populismo reaccionario: Bolsonaro en Twitter durante la pandemia”, *Mediapolis—Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público* 12 (2021): 33-48.

<sup>7</sup> Ulrike M Vieten, “The “new normal” and “pandemic populism”: the COVID-19 crisis and anti-hygienic mobilisation of the far-right”, *Social Sciences* 9, 9 (2020): 165. <https://doi.org/10.3390/socsci9090165>

Se, por um lado, persiste o argumento de que a COVID-19 não passa de uma farsa<sup>8,9</sup> por outro lado, a desinformação associada com a pandemia tem servido para criar exageros, curas milagrosas e incutir o pânico e o medo nas populações<sup>10</sup>. A disseminação de teorias da conspiração e de informações falsas sobre outras doenças ou assuntos relacionados com a ciência não é um fenómeno recente<sup>11,12,13</sup>. Tal como acontece com a pandemia, a desinformação associada a assuntos como curas para o cancro ou problemas com as vacinas é amplamente difundida<sup>14</sup>. Este tipo de desinformação desencadeia graves

---

<sup>8</sup> Martin Bruder y Laura Kunert, “The conspiracy hoax? Testing key hypotheses about the correlates of generic beliefs in conspiracy theories during the COVID-19 pandemic”, *International Journal of Psychology* 57 (2021): 43-48. <https://doi.org/10.1002/ijop.12769>

<sup>9</sup> Roland Imhoff y Pia Lamberty, “A bioweapon or a hoax? The link between distinct conspiracy beliefs about the Coronavirus disease (COVID-19) outbreak and pandemic behavior”, *Social Psychological and Personality Science*, 11 (2020): 1110-1118. <https://doi.org/10.1177/1948550620934692>.

<sup>10</sup> José Moreno, Inês Narciso e Rita Sepúlveda, *Dinâmicas de circulação de conteúdo (des) informativo sobre a COVID-19 no WhatsApp, nos media e nas redes sociais online* (2021). <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/22708>.

<sup>11</sup> Daniel Jolley, Karen M. Douglas, “The effects of anti-vaccine conspiracy theories on vaccination intentions”, *PloS one*, 9(2), e89177 (2014). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0089177>

<sup>12</sup> Oliver, J. Eric, Thomas Wood, “Medical conspiracy theories and health behaviors in the United States”, *JAMA internal medicine*, 174, 5 (2014): 817-818. <https://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/article-abstract/1835348>.

<sup>13</sup> Silvia Sommariva, Cheryl Vamos, Alexios Mantzarlis, Lillie Uyên-Loan Đào, e Dinorah Martinez Tyson, “Spreading the (fake) news: exploring health messages on social media and the implications for health professionals using a case study”, *American journal of health education* 49, 4 (2018): 246-255. <https://doi.org/10.1080/19325037.2018.1473178>.

<sup>14</sup> Oliver, J. Eric, Thomas Wood. Medical conspiracy theories and health behaviors (2014): 817-818.

consequências sociais. Sabe-se que a crença em conspirações pode motivar as pessoas a evitar recorrer à medicina tradicional<sup>15</sup> e a desvalorizar a vacinação. As teorias da conspiração sobre a COVID-19 têm influenciado o não-cumprimento das normas impostas pelas autoridades de saúde, como a utilização de máscara ou a obediência ao distanciamento social<sup>16,17,18,19</sup>. Ademais, a desinformação sobre a pandemia reduz a intenção das pessoas em serem vacinadas e em obter um conhecimento objetivo das vacinas<sup>20</sup>. A par destes problemas, a correção de informações falsas torna-se uma missão tão importante quanto

---

<sup>15</sup> Oliver, J. Eric, Thomas Wood. Medical conspiracy theories and health behaviors (2014): 817-818.

<sup>16</sup> Kinga Bierwiazzonek, Jonas R. Kunst, Olivia Pich, “Belief in COVID-19 conspiracy theories reduces social distancing over time”, *Applied Psychology: Health and Well-Being* 12, 4 (2020): 1270-1285. <https://doi.org/10.1111/aphw.12223>.

<sup>17</sup> John M Carey, Victoria Chi, DJ Flynn, Brendan Nyhan, Thomas Zeitoff, “The effects of corrective information about disease epidemics and outbreaks: Evidence from Zika and yellow fever in Brazil”, *Science advances* 6, 5, eaaw7449 (2020). <https://doi.org/10.31235/osf.io/dkusw>

<sup>18</sup> Jung Jae Lee, Kyung-Ah Kang, Homem Ping Wang, Sheng Zhi, Janet Yuen Ha Wong, Siobhan O’Connor, Sook Ching Yang, Sunhwa Shin, “Associations between COVID-19 misinformation exposure and belief with COVID-19 knowledge and preventive behaviors: cross-sectional online study”, *Journal of medical Internet research* 22, 11 (2020). <https://www.jmir.org/2020/11/e22205/>

<sup>19</sup> Jay J. Van Bavel, Katherine Baicker, Paulo S. Boggio, Valério Capraro, Aleksandra Cichocka, Mina Cikara, Molly J. Crockett et al. , “Using social and behavioural science to support COVID-19 pandemic response”, *Nature human behaviour* 4 (2020): 460-471. <https://doi.org/10.1038/s41562-020-0884-z>

<sup>20</sup> Đorđević, J. Milošević, S. Mari, M. Vdović, A. Milošević, “Links between conspiracy beliefs, vaccine knowledge, and trust: Anti-vaccine behavior of Serbian adults”, *Social Science & Medicine* 277, 113930 (2021). <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.113930>

difícil em indivíduos com elevada propensão a acreditar em teorias falsas<sup>21</sup>.

Em Portugal, a desinformação *online* associada à pandemia COVID-19 é uma realidade<sup>22,23</sup>. A par da temática “política”, o conteúdo relacionado com a pandemia tem-se destacado como um dos mais verificados pelo Polígrafo<sup>24,25</sup>. Ao mesmo tempo que os portugueses adultos consideram a Organização Mundial de Saúde (OMS), as personalidades com prestígio na área da saúde e as autoridades governamentais como as fontes merecedoras de maior confiança sobre a pandemia<sup>26</sup> o testemunho de falsos especialistas em

---

<sup>21</sup> Joseph E, Uscinski, Adam M. Enders, Casey Klofstad, Michelle Seelig, John Funchion, Caleb Everett, Stephan Wuchty *et al.*, “Why do people believe COVID-19 conspiracy theories?”, *Harvard Kennedy School Misinformation Review* (2020). <https://misinforeview.hks.harvard.edu/article/why-do-people-believe-covid-19-conspiracy-theories/>

<sup>22</sup> José Moreno, Ana Pinto Martinho, Gustavo Cardoso, Inês Narciso, Nuno Palma, Rita Sepúlveda e Miguel Crespo, “Informação e desinformação sobre o Coronavírus em Portugal-WhatsApp, Facebook e Pesquisas” (2020). <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/informacao-e-desinformacao-sobre-o-coronavirus-em-portugal-whatsapp, facebook-e-pesquisas/70894>

<sup>23</sup> José Moreno, Inês Narciso and Rita Sepúlveda, “Dinâmicas de circulação de conteúdo (des) informativo sobre a COVID-19 no WhatsApp, nos media e nas redes sociais online”, *Observatorio Journal* 3, 23 (2021).

<sup>24</sup> O Polígrafo é o jornal de *fact-checking* português. Ver: <https://poligrafo.sapo.pt/>.

<sup>25</sup> Caroline Patatt, Fernando Jesus Rocha, “O fact-checking no Brasil e em Portugal: uma análise dos sites Agência Lupa e Polígrafo no combate às fake news relacionadas com o Coronavírus”, *Estudos de Jornalismo* 11 (2020): 6-20. [https://www.revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20200801-ej11\\_2020.pdf#page=6](https://www.revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20200801-ej11_2020.pdf#page=6)

<sup>26</sup> Gisela Gonçalves, Valeriano Piñeiro-Naval, Bianca Persici Toniolo, “Em Quem Confiam os Portugueses? A Gestão da Comunicação Governamental na Pandemia Covid-19”, *Comunicação e Sociedade* 40 (2021): 169-187. [https://doi.org/10.17231/comsoc.40\(2021\).3251](https://doi.org/10.17231/comsoc.40(2021).3251)

saúde tem sido uma das estratégias adotadas para manipular e enganar os utilizadores nas redes sociais digitais, através de grupos propositadamente criados para a partilha de informações sobre a COVID-19<sup>27</sup>. O surgimento da pandemia coincide com a afirmação da rede social digital WhatsApp em Portugal, considerada como a que “desempenhou um papel mais preponderante como primeiro espaço de disseminação de (des)informação”<sup>28</sup>.

À semelhança do que aconteceu em outros países, março de 2020 marcou o início da pandemia COVID-19 em Portugal, o que viria a implicar o encerramento de espaços comerciais e culturais, de escolas e universidades. A 18 de março, o Presidente da República decretou o Estado de Emergência devido à situação pandémica que se vivia no país. Com as escolas fechadas, o ensino passou a ser totalmente virtual e grande parte das empresas optou por colocar os seus empregados em teletrabalho. Isso fez com que pais e filhos ficassem confinados no mesmo espaço durante dias. O próprio Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) publicou um guia para ajudar os educadores (pais e professores) a abordar o tema junto das crianças<sup>29</sup>.

---

<sup>27</sup> Gustavo Cardoso, Ana Pinto-Martinho, Inês Narciso, José Moreno, Miguel Crespo, Nuno Palma e Rita Sepúlveda, “Information and Misinformation on the Coronavirus in Portugal. Whatsapp, Facebook and Google Searches” (2020). <https://medialab.iscte-iul.pt/information-and-misinformation-coronavirus-in-portugal/>

<sup>28</sup> Moreno, José, Inês Narciso e Rita Sepúlveda. *Dinâmicas de circulação de conteúdo (des) informativo*, 9.

<sup>29</sup> UNICEF. “How to talk to your child about coronavirus disease 2019 (COVID-19”. (2020). <https://www.unicef.org/coronavirus/how-talk-your-child-about-coronavirus-covid-19>

Perante esta situação, pretendemos averiguar de que forma as crianças poderão ter sido afetadas pela desinformação sobre a pandemia COVID-19, através da avaliação do seu conhecimento sobre informações enganosas e verdadeiras acerca da pandemia. Acreditamos que o nosso estudo possa ser pioneiro no que diz respeito à avaliação da crença das crianças em desinformação, uma vez que todos os estudos (pelo menos do nosso conhecimento) se focam em adultos.

## **Enquadramento do problema**

Uma das questões que se coloca, desde logo, perante o nosso estudo é a seguinte: como será que as crianças podem estar expostas à desinformação? Considerando que a desinformação circula, maioritariamente, em redes sociais digitais como Facebook e Twitter, as quais impedem a criação de perfis ou contas digitais a menores de treze anos, parece, à partida, que as crianças não estão tão expostas a informações falsas ou enganosas relacionadas com a COVID-19. No entanto, existem várias razões que tornam este argumento irreal e descontextualizado. Em primeiro lugar, apesar das restrições etárias impostas pelas redes sociais digitais, sabe-se que as crianças conseguem contornar essas limitações, criando perfis com base em idades falsas.

Em segundo lugar, mesmo que as crianças não sejam expostas diretamente à desinformação, podem construir perceções erradas por influência de pais, responsáveis e

educadores desinformados<sup>30</sup>. A literatura tem demonstrado, por exemplo, que a família (sobretudo os pais) desempenha um papel crucial no processo de aprendizagem dos filhos, na forma como interpretam a realidade, visualizam televisão ou são expostos a notícias<sup>31,32</sup>. Os preconceitos e os estereótipos que as crianças constroem ou reproduzem são expressas pelos seus pais<sup>33,34</sup>, pelo que se pode especular que o mesmo possa acontecer em relação às conspirações e à desinformação sobre a COVID-19. Por outro lado, sabe-se que os pais recorrem às redes sociais digitais para procurar informações e aconselhamentos, o que pode revelar-se preocupante dada a facilidade com que se encontram conteúdos produzidos sem filtros e critérios editoriais, de fontes que podem não ser credíveis

---

<sup>30</sup> Philip N Howard, Lisa-Maria Neudert, Navana Prakash, “Digital misinformation/disinformation and children”, UNICEF Office of Global Insight and Policy. (2021). <https://www.unicef.org/globalinsight/media/2096/file/UNICEF-Global-Insight-Digital-Mis-Disinformation-and-Children-2021.pdf>

<sup>31</sup> Erica W Austin, Donald F. Roberts, Clifford I. Nass, “Influences of family communication on children’s television-interpretation processes”, *Communication Research* 17, 4 (1990): 545-564. <https://doi.org/10.1177/009365090017004008>

<sup>32</sup> Ariel Knafo, Neta Galansky, “The influence of children on their parents’ values”, *Social and personality psychology compass* 2, 3 (2008): 1143-1161. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2008.00097.x>

<sup>33</sup> Shayla Holub, Cin Cin Tan, Sanobar L. Patel, S.L. “Factors associated with mothers’ obesity stigma and young children’s weight stereotypes”, *Journal of Applied Developmental Psychology* (2011). <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2011.02.006>

<sup>34</sup> Stacey Sinclair, Elizabeth Dunn, Brian Lowery, “The relationship between parental racial attitudes and children’s implicit prejudice”, *Journal of Experimental Social Psychology* 41, 3 (2005): 283-289. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2004.06.003>

e sem controlo de qualidade<sup>35</sup>. Em tempos de incerteza, as pessoas recorrem à internet e a comunidades *online* quer para aliviar o medo<sup>36</sup>, quer para procurar informações sobre como se deve ou não proceder perante a COVID-19<sup>37</sup>.

Em terceiro lugar, as capacidades cognitivas das crianças encontram-se em fase de construção e em constante evolução, associadas a uma imaturidade natural, pelo que facilmente se depreende que as crianças podem ser utilizadoras particularmente mais vulneráveis à desinformação. Livingstone<sup>38</sup> dão conta, num relatório da Unicef em dez países, que as crianças reconheceram ter maior capacidade em pesquisar informação *online* do que em avaliá-la criticamente. Além disso, o mesmo relatório aponta que entre um quarto a três quartos das crianças, independentemente da sua nacionalidade, têm consciência de que são incapazes de verificar ou avaliar a veracidade das informações com que se deparam no universo digital.

---

<sup>35</sup> Divna M Haslam, Amelia Tee, Sabine Baker, “The use of social media as a mechanism of social support in parents”, *Journal of Child and Family Studies* 26, 7 (2017): 2026-2037. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0716-6>

<sup>36</sup> Carola Salvi, Paola Iannello, Alice Cancer, Mason McClay, Sabrina Rago, Joseph E. Dunsmoor e Alessandro Antonietti, “Going viral: How fear, socio-cognitive polarization and problem-solving influence fake news detection and proliferation during COVID-19 pandemic”, *Frontiers in Communication*, (2021). <https://doi.org/10.3389/fcomm.2020.562588>

<sup>37</sup> Ahmed Husain Ebrahim, Z. Q. Saif, M. Buheji, N. AlBasri, F. A. Al-Husaini e H. Jahrami, “COVID-19 information-seeking behavior and anxiety symptoms among parents”, *OSP Journal of Health Care and Medicine*. 1, 1 (2020): 1-9. <https://www.ospublishers.com/pdf/HCM-1-105.pdf>

<sup>38</sup> Sônia Livingstone, Daniel Kardefelt Winther e Marie Saeed, “Global Kids Online Comparative Report”, *Papers inorer* 1059, UNICEF Innocenti Research Report. Livingstone (2019).

No que diz respeito à influência que os pais ou educadores podem exercer sobre as crianças, importa ter em consideração que há muito que as pessoas acedem à internet para procurar informações sobre saúde. Por exemplo, Bernhardt<sup>39</sup> constataram que a maioria das mães com crianças pequenas procurou informação na internet durante a gravidez, em sites pouco confiáveis, com a intenção de diagnosticar ou encontrar os melhores aconselhamentos. Quanto à vacinação em geral, é cada vez mais frequente a participação em discussões e debates em comunidades *online*, com base em informações imprecisas e fontes pouco confiáveis<sup>40</sup>. Além disso, vários estudos têm apoiado a ideia de que o receio motiva a procura de informações *online* sobre saúde<sup>41,42,43</sup>. As ameaças, as ansiedades e, no fundo, o temor que os pais sentem sobre determinada

---

<sup>39</sup> Jay. M Bernhardt, Elizabeth M Felter, “Online pediatric information seeking among mothers of young children: results from a qualitative study using focus groups”, *Journal of medical Internet research* 6, 1 (2004). <https://www.jmir.org/2004/1/e7>

<sup>40</sup> Marina C. Jenkins, Megan A. Moreno, “Vaccination discussion among parents on social media: a content analysis of comments on parenting blogs”, *Journal of health communication* 25, 3 (2020): 232-242. <https://doi.org/10.1080/10810730.2020.1737761>

<sup>41</sup> James Price Dillard, Ruben Li, Chun Yang. “Fear of Zika: Information seeking as cause and consequence”, *Health Communication* 36, 13 (2021): 1785-1795. <https://doi.org/10.1080/10410236.2020.1794554>

<sup>42</sup> Kim, Hye Kyung, Jeff Niederdeppe, “The role of emotional response during an H1N1 influenza pandemic on a college campus”, *Journal of Public Relations Research*, 25, 1 (2013): 30-50. <https://doi.org/10.1080/1062726X.2013.739100>

<sup>43</sup> Carolyn Lagoe, David Atkin, “Health anxiety in the digital age: An exploration of psychological determinants of online health information seeking”, *Computers in Human Behavior*, 52 (2015): 484-491. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.06.003>

patologia acaba por transmitir informações ameaçadoras sobre a doença às crianças, inculcando-lhes medo<sup>44</sup>.

Não obstante, importa ressaltar que as crianças estão na internet e têm contas ou perfis criados nas várias redes sociais digitais<sup>45</sup>. As telas sensíveis ao toque (*smartphones* e *tablets*) tornaram-se dispositivos indispensáveis para o quotidiano dos miúdos<sup>46,47,48</sup>, o que reforça a ideia de que as crianças podem estar constantemente conectadas, em qualquer momento e a qualquer hora. Num estudo aplicado a vários países, Smahel<sup>49</sup> verificaram, nos últimos anos, um aumento bastante considerável de crianças com idades entre os nove e onze anos que visitam diariamente uma rede social digital. Apesar das

---

<sup>44</sup> Danielle Remmerswaal, Peter Muris, “Children’s fear reactions to the 2009 Swine Flu pandemic: The role of threat information as provided by parents”, *Journal of anxiety disorders* 25, 3 (2011): 444-449. <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2010.11.008>

<sup>45</sup> Cristina Ponte, Susana Batista, “EU Kids Online Portugal”, *Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos)* (sl): EU Kids Online e NOVA FCSH. (2019). <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/eukidsonline/documentos>

<sup>46</sup> Cristina Ponte, Susana Batista, “EU Kids Online Portugal”, *sUsos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos)* (2019).

<sup>47</sup> José Alberto Simões, Cristina Ponte, Eduarda Ferreira, Juliana Doretto, Celiana Azevedo, “Crianças e meios digitais móveis em Portugal”, Resultados nacionais do projeto Net Children Go Mobile. Lisboa: CESNOVA. (2014).

<sup>48</sup> David Smahel, Hana Machackova, Giovanna Mascheroni, Lenka Dedkova, Elisabeth Staksrud, Kjartan Ólafsson, Sonia Livingstone e Uwe Hasebrink. “EU Kids Online 2020”: Survey results from 19 countries (2020). <https://doi.org/10.21953/lse.47fdeqj01of0>

<sup>49</sup> David Smahel, Hana Machackova, Giovanna Mascheroni, Lenka Dedkova, Elisabeth Staksrud, Kjartan Ólafsson, Sonia Livingstone e Uwe Hasebrink, “EU Kids Online 2020” (2020).

restrições de idade impostas pelas redes sociais digitais, em Portugal, Ponte e Batista<sup>50</sup> dão conta de que 27 % das crianças com idades entre nove e dez anos utilizam as redes sociais digitais. Os valores são ainda mais altos (65 %) nas crianças que têm onze e doze anos.

A utilização de *tablets* e *smartphones* é também, cada vez mais, precoce. Holloway<sup>51</sup> verificaram que um número maior de crianças está a aderir a estes dispositivos com menos de nove anos. Findahl<sup>52</sup> constatou que metade das crianças suecas com três e quatro anos já utilizam *tablets*. O YouTube é a rede social digital preferida dos pequenos<sup>53,54,55</sup>. Neste sentido, também os *influencers* e os *youtubers* podem ter importância na transmissão de informação e nas atitudes das crianças. Os *youtubers* podem afetar o comportamento, a formação de

---

<sup>50</sup> Cristina Ponte, Susana Batista, “EU Kids Online Portugal”, *Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos)*, (2019).

<sup>51</sup> Donell Holloway, Lelia Green, Sonia Livingstone, “Zero to eight: Young children and their internet use” (2013). <https://ro.ecu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1930&context=ecuworks2013><https://ro.ecu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1930&context=ecuworks2013>

<sup>52</sup> Swedes and the Internet Stockholm: The internet infrastructure Foundation, (2013).

<sup>53</sup> Donell Holloway, Lelia Green, Sonia Livingstone, “Zero to eight: Young children and their internet use”, (2013).

<sup>54</sup> Anna E Coates, Charlotte A. Hardman, Jason C. G. Halford, Paul Christiansen, Emma J. Boyland, “Food and beverage cues featured in YouTube videos of social media influencers popular with children: An exploratory study”, *Frontiers in psychology* 10, 2142 (2019). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02142>

<sup>55</sup> David Smahel, Hana Machackova, Giovanna Mascheroni, Lenka Dedkova, Elisabeth Staksrud, Kjartan Ólafsson, Sonia Livingstone e Uwe Hasebrink, “EU Kids Online 2020”, (2020).

valores nas crianças e não são considerados como um modelo de comportamento<sup>56,57</sup>.

Depois de exposta a presente problemática, este estudo pretende responder a duas questões de investigação:

Q1. Qual a perceção das crianças sobre informações enganosas acerca da COVID-19?

Q2. De que forma a perceção das crianças se encontra relacionada com o medo da pandemia?

Vale realçar que, ao longo do artigo, consideramos o termo “informações enganosas” na medida em que as declarações, além de total ou parcialmente falsas, procuraram deliberadamente deturpar, distorcer ou ocultar factos, para enganar o leitor através da exploração de preconceitos e estereótipos sociais, políticos e culturais.

---

<sup>56</sup> Anna E. Coates, Charlotte A. Hardman, Jason C. G. Halford, Paul Christiansen e Emma J. Boyland, “Food and beverage cues featured in YouTube videos of social media influencers popular with children: An exploratory study”. (2019).

<sup>57</sup> Cihat Yaşaroğlu, “Youtubers’ Effect on Children’s Values: Parents’ Views”, *European Journal of Educational Sciences* 7, 4 (2020): 1-15. <http://dx.doi.org/10.19044/ejes.v7no4a1>

## Metodologia

Este estudo dá continuidade ao estudo iniciado por Persici Toniolo<sup>58</sup> o qual observou o conhecimento e a percepção das crianças portuguesas sobre os principais sintomas e as boas práticas de prevenção da COVID-19. Já a presente investigação tem como objetivo verificar se as crianças poderão ter sido afetadas pela desinformação sobre COVID-19, na primeira fase da pandemia. O questionário foi aplicado entre 20 de março e 21 de abril de 2020, numa altura em que Portugal se encontrava em Estado de Emergência devido à situação pandémica do país.

Por essas razões, as crianças estavam em casa, em regime de ensino *online*.

Assim sendo, analisámos os dados recolhidos da segunda parte do questionário aplicado por Persici Toniolo<sup>59</sup> a uma amostra composta por  $n = 960$  crianças com idades compreendidas entre os três e onze anos, numa população de  $N = 1.047.218$  crianças dentro dessa faixa etária. Aplicamos um único questionário à amostra (ver Anexo I), a qual foi exposta a

---

<sup>58</sup> Bianca Persici Toniolo, João Pedro Baptista, Cecília Ramos, Valeriano Piñeiro-Naval e Anabela Gradim, “Conhecimentos Gerais e Percepção das Crianças Portuguesas Sobre o COVID-19”, In *Advances in Intelligent Systems and Computin* (Suiça: Springer, 2021): 179-197. [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-68418-1\\_19](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-68418-1_19)

<sup>59</sup> Bianca Persici Toniolo, João Pedro Baptista, Cecília Ramos, Valeriano Piñeiro-Naval e Anabela Gradim, “Conhecimentos Gerais e Percepção das Crianças Portuguesas Sobre o COVID-19” (2021).

um conjunto de informações enganosas e verdadeiras sobre a situação pandémica cuja veracidade tiveram de avaliar.

Para a recolha de dados, procedeu-se à divulgação do questionário *online* através de um e-mail dirigido à direção de cada um dos 375 agrupamentos de escolas públicas portuguesas com alunos nesta faixa etária de todos os distritos do país e arquipélagos dos Açores e da Madeira. O inquérito também foi divulgado por meio de uma página criada no Facebook, nomeada “Como as crianças percebem o coronavírus”<sup>60</sup>. Para que o questionário obtivesse uma abrangência nacional, ele ainda foi partilhado em grupos e páginas no Facebook relativas à COVID-19 com milhares de membros.

A realização do questionário prosseguiu com o consentimento dos pais, educadores ou responsáveis que, por orientação dos investigadores, o aplicaram oralmente às crianças, registando as suas respostas no formulário *online*. Essa forma de aplicação do questionário, apesar de não ser ideal, foi a única estratégia viável naquele cenário, uma vez que os investigadores estavam impossibilitados de aceder diretamente às crianças, devido ao Estado de Emergência. Para além disso, muitas das crianças não eram alfabetizadas, o que exigiu a mediação de um adulto. Vale dizer que foi facultado o envio das respostas por mensagem de áudio, o que resultou em baixa adesão.

---

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/ascriancaseocoronavirus>.

Relativamente à idade dos participantes, destacam-se: 0,3 % com três anos; 2 % com quatro anos; 2 % com cinco anos; 10 % com seis anos; 13 % com sete anos; 20 % com oito anos; 22 % com nove anos; 18 % com dez anos e 13 % com onze anos. A idade média dos participantes foi de oito anos e meio.

Do questionário usado neste estudo, foram analisadas nove (des)informações: cinco relativas à crença em informações enganosas, três acerca de informações verdadeiras e uma sobre o medo ao coronavírus, além da idade e do ano escolar das crianças. As informações enganosas que constavam no inquérito *online* foram verificadas pelo Polígrafo aquando da elaboração do questionário. As informações verdadeiras, por sua vez, tiveram origem na experiência pessoal dos investigadores com crianças da faixa etária do estudo. Todas as declarações foram adaptadas de forma a tornarem-se facilmente perceptíveis para as crianças, exigindo o mesmo nível de esforço na avaliação das informações falsas e verdadeiras. As respostas a estas perguntas eram abertas, portanto as crianças podiam responder o que achassem mais conveniente. *A posteriori*, e com o intuito de serem tratadas estatisticamente no *software* SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), as respostas foram recodificadas por dois dos autores deste estudo, seguindo um sistema de categorias ordinal.

O questionário teve 1.025 respostas. Destas, foram analisadas apenas aquelas das crianças portuguesas com idade compreendidas entre os três e os onze anos. Foram consideradas portuguesas as crianças residentes em Portugal. As demais respostas foram descartadas.

No caso da crença em informações enganosas, os valores são: 0 = não acredita, 1 = não tem certeza, 2 = acredita. Quanto ao medo, os valores são iguais: 0 = não tem medo, 1 = mais ou menos, 2 = tem medo. A imensa maioria das respostas foram dicotômicas, por exemplo “sim”, “não”, “claro que não”, “claro que sim”, “com certeza”, “de jeito nenhum”, o que facilitou a recodificação. Foram codificadas como “não tem certeza” as respostas que expressaram certa dubiedade, como “não sei”, “talvez”, “acho que sim” e “acho que não” entre outras.

Com o intuito de controlar a fiabilidade deste processo, foi selecionada aleatoriamente uma sub-amostra de  $n = 202$  casos (~21 % do total) para que ambos autores os codificassem em simultâneo. Com isso foi possível calcular o parâmetro *Alpha* de Krippendorff<sup>61</sup> (Krippendorff, 2011) para cada uma das nove variáveis, atingindo uma média muito satisfatória:  $\alpha_k = 0,93$  (ver Anexo 2).

## Resultados

A Tabela 1 reúne os dados descritivos das respostas a cada uma das perguntas realizadas aos inquiridos do estudo:

---

<sup>61</sup> Andrew F Hayes, Klaus Krippendorff, “Answering the call for a standard reliability measure for coding data”, *Communication Methods and Measures* 1, 1 (2007): 77-89. <https://doi.org/10.1080/19312450709336664>

Tabela 1. Percentagens das respostas às perguntas divididas por informações enganosas e verdadeiras, e medo ao coronavírus

Crença	<i>n</i>	Não acredita (0)	Não tem certeza (1)	Acredita (2)
<b>Informações enganosas<sup>62</sup></b>				
1. Já existe uma vacina para o coronavírus <sup>63</sup> .	960	74,6	12,2	13,2
2. Se conseguir segurar a respiração por mais de 10 segundos é porque não tem o coronavírus <sup>64</sup> .	960	47,2	24,8	28
3. Beber água a cada 15 minutos reduz o risco de contaminação <sup>65</sup> .	960	46,7	18,1	35,2
4. A pele negra é mais resistente ao coronavírus que a pele branca <sup>66</sup> .	960	77,4	18,4	4,2
5. Os animais de estimação podem passar o vírus para os humanos <sup>67</sup> .	960	68,1	13,1	18,8
<b>Informações verdadeiras</b>				
1. Não é indicado às crianças ficar com os avós ou com pessoas idosas agora que estão sem aulas.	960	3,4	1,1	95,5
2. Lavar as mãos com água e sabão é melhor do que aplicar álcool em gel para a proteção contra o coronavírus.	960	14,2	19,6	66,3
3. Já morreram pessoas em Portugal por causa do coronavírus.	960	0,3	1,5	98,2
<b>Medo ao coronavírus</b>		<b>Não (0)</b>	<b>Mais ou menos (1)</b>	<b>Sim (2)</b>
1. Tem medo ao coronavírus?	960	24,7	8,1	67,2

Fonte: Elaboração própria.

Com base nos dados da Tabela 1, podemos afirmar que a declaração na qual mais acreditam as crianças da amostra é que “Já morreram pessoas em Portugal por causa do coro-

<sup>62</sup> Consulte as informações enganosas verificadas pelo polígrafo nas seguintes notas:

<sup>63</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3rBw4i6>

<sup>64</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3El3tRT>

<sup>65</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3xQmZD5>

<sup>66</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3ofqsYN>

<sup>67</sup> Disponível em: <https://bit.ly/31jDZpM>

navírus” (98,2 %), e na que menos acreditam é que “A pele negra é mais resistente à doença que a pele branca” (77,4 %). Em termos percentuais, a maioria das crianças não acredita nas declarações enganosas a que foram expostas. Em todas as informações falsas, a percentagem de crianças que manifestaram não acreditar é superior às crianças que referiram acreditar nessas declarações. Os resultados ainda sugerem que as crianças tiveram maior dificuldade em avaliar corretamente as informações enganosas do que as informações verdadeiras, considerando a percentagem mais elevada de crianças que manifestou “não ter certeza”. Importa notar que a declaração “Beber água a cada 15 minutos reduz o risco de contaminação” foi a informação falsa ou enganosa em que as crianças mais acreditaram (35,2 %). Não obstante, a maioria das crianças declararam ter medo ao coronavírus (67,2 %).

Para estudar a associação entre as informações enganosas e as informações verdadeiras, foi utilizado o coeficiente de correlação linear de Pearson, representado na Tabela 2.

Tabela 2. *Matriz de correlações entre os itens do estudo relativos às informações*

ITENS	IE1	IE2	IE3	IE4	IE5	IV1	IV2	IV3
IE1								
IE2	0,077*							
IE3	0,027	0,265***						
IE4	0,071*	0,143***	0,104**					
IE5	0,097**	-0,015	-0,067*	0,017				
IV1	-0,061	0,031	0,093**	0,028	-0,026			
IV2	-0,043	0,062	0,037	0,001	-0,049	0,014		
IV3	-0,029	-0,067*	-0,002	-0,104**	-0,08*	-0,027	-0,005	

Nota: \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$

Fonte: Elaboração própria.

Analisando a Tabela 2, observamos que as correlações positivas mais fortes ocorrem entre as informações enganosas 2 (Se conseguir segurar a respiração por mais de 10 segundos é porque não tem o coronavírus) e 3 (Beber água a cada 15 minutos reduz o risco de contaminação) [ $r(958) = 0,265; p < 0,001$ ], o que nos permite verificar que quanto mais as crianças acreditam em uma delas, mais acreditam na outra (e vice-versa). Estas informações enganosas estão relacionadas com medidas de prevenção e diagnóstico da doença. Também é interessante reparar no facto de que a maioria das correlações estabelecidas entre a crença nas distintas informações enganosas e verdadeiras são negativas, sendo a mais intensa a associação entre a informação enganosa 4 (A pele negra é mais resistente ao coronavírus que a pele branca) e a verdadeira 3 (Já morreram pessoas em Portugal por causa do coronavírus) [ $r(958) = -0,104; p < 0,01$ ]. Esta circunstância reflete a tendência de que quanto mais se acredita nas informações verdadeiras, menos se acredita nas enganosas (e vice-versa).

Do ponto de vista da estratégia de análise multivariada dos dados, optou-se também por criar dois indicadores agregados a partir das respostas quer às informações enganosas, quer às verdadeiras. A expressão alfanumérica que descreve a composição dos indicadores é a seguinte:

*Indicador de Crença em Informações Enganosas (ICIE)* = (informação enganosa 1 + Informação enganosa 2 + informação enganosa 3 + informação enganosa 4 + informação enganosa 5) / 5.

*Indicador de Crença em Informações Verdadeiras (ICIV)* = (informação verdadeira 1 + informação verdadeira 2 + informação verdadeira 3) / 3.

O intervalo de variação dos dois indicadores situa-se entre 0 e 2, uma vez que as variáveis que os compõem assumem esse mesmo intervalo (0 = Não acredita; 2 = Acredita). Portanto, quanto mais próximo do valor “0” menor é o nível de crença nas informações, e quanto mais próximo do valor “2” maior será esse nível. Neste sentido, os valores descritivos dos indicadores são os seguintes:  $M_{\text{ICIE}} = 0,571$  ( $DP = 0,387$ ), e  $M_{\text{ICIV}} = 1,807$  ( $DP = 0,279$ ), existindo entre eles diferenças estatisticamente significantes [ $t(959) = -80,244$ ,  $p < 0,001$ ,  $d = -3,663$ ], e com um tamanho do efeito (*effect size*) muito elevado<sup>68,69</sup>. Assim sendo, é possível afirmar que as crianças acreditam muito mais nas informações verdadeiras do que nas enganosas. Interessa notar que o valor médio de crença em informações verdadeiras ( $M = 1,807$ ) é muito próximo do valor máximo estimulado.

Relativamente à idade ( $M_{\text{anos}} = 8,5$ ;  $DP = 1,74$ ), também observamos uma correlação estatisticamente significativa com o ICIE [ $r(958) = -0,068$ ,  $p = 0,035$ ]. Ao evidenciarmos uma correlação negativa entre as variáveis, constatamos que que quanto maior é a idade da criança, menor é a sua crença nas informações enganosas. No que diz respeito às informações verdadeiras (ICIV), não se observa uma correlação estatisticamente significativa com o parâmetro da idade [ $r(958) = 0,017$ ,  $p = 0,589$ ].

---

<sup>68</sup> Jacob Cohen, *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (Hillsdale, New Jersey: Lawrence Earlbaum, 1998).

<sup>69</sup> Blair T Johnson, A. Lori, J. Scott-Sheldon, Leslie B. Snyder, Seth M. Noar, Tania B. e Huedo-Medina, “Contemporary approaches to meta-analysis in communication research”, En *The SAGE Sourcebook of Advanced Data Analysis Methods for Communication Research* (California: Thousand Oaks Sage, 2008): 311-347. <https://doi.org/10.4135/9781452272054.n11>

Finalmente, no que se refere ao medo ao coronavírus, não há correlações estatisticamente significativas com a idade [ $r(958) = 0,034, p = 0,295$ ], nem tampouco com os indicadores criados: ICIE [ $r(958) = -0,042, p = 0,105$ ] e ICIV [ $r(958) = 0,039, p = 0,222$ ]. Isto quer dizer que a variável medo comporta-se de modo homogéneo e com independência dos anos das crianças ou o seu nível de crença nas informações.

## Discussão e Conclusão

A investigação sobre desinformação tem colocado em evidência como a disseminação de informações enganosas pode afetar a perceção e o comportamento das pessoas em relação à COVID-19. Neste contexto, até mesmo um novo termo – infodemia – foi cunhado, quando, em fevereiro de 2020, o Diretor-Geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, afirmou que, com a disseminação da COVID-19 pelo mundo, “não estamos apenas a combater uma epidemia; estamos a lutar contra uma infodemia”. O neologismo (informação + epidemia = infodemia) refere-se ao elevado número de conteúdos, muitos dos quais imprecisos, produzidos e disseminados sobre um determinado assunto. No caso da COVID-19, a infodemia não apenas contribuiu para a desinformação, mas também para intensificar a propagação da doença<sup>70</sup>, uma vez que põe

---

<sup>70</sup> PAHO, “Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19”, (2020). <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054>

em causa as orientações das autoridades de saúde baseadas em evidências científicas.

Infelizmente, a difusão de informações enganosas não está restrita aos adultos. As crianças também são passíveis de influência direta ou indireta dos conteúdos em circulação nas redes sociais digitais. Na primeira parte deste estudo<sup>71</sup>, avaliamos a opinião e a forma como as crianças portuguesas perceberam o fenómeno epidemiológico. Os inquiridos demonstraram conhecer as implicações da COVID-19, foram capazes de definir a doença, avaliar os seus riscos, identificar os sintomas e prevenir a disseminação da infecção, apesar de acreditarem em alguns conceitos errôneos devido à forma como a doença se espalhou na fase inicial da pandemia, alimentando alguns preconceitos. Agora, os dados obtidos nesta segunda parte do estudo, de maneira geral, sugerem que as crianças portuguesas são capazes de distinguir as informações enganosas das verdadeiras, o que parece encorajador em relação ao grau de conhecimento e percepção das crianças sobre a COVID-19. A seguir, discutiremos os dados a partir das duas questões que nortearam a investigação.

Em primeiro lugar, em resposta à Q.1 – Qual a percepção das crianças sobre informações enganosas acerca da COVID-19? – verificou-se que, pelo menos, 46,7 % dos inquiridos disse não acreditar na totalidade das informações enganosas às quais foram submetidos. Estes resultados podem ser consi-

---

<sup>71</sup> Bianca Persici Tomiolo, João Pedro Baptista, Cecília Ramos, Valeriano Piñeiro-Naval e Anabela Gradim, “Conhecimentos Gerais e Percepção das Crianças Portuguesas Sobre o COVID-19”, (2021).

derados positivos, especialmente quando confrontados com a avaliação dos inquiridos sobre as informações verdadeiras, as quais obtiveram índices de crença de 66,3 % a 98,2 %. Entre as informações enganosas, as que alcançaram maior índice de dúvida e crença foram a 2 e 3, respetivamente “Se conseguir segurar a respiração por mais de 10 segundos é porque não tem o coronavírus?” e “Beber água a cada 15 minutos reduz o risco de contaminação?”. A informação verdadeira 4 – “Lavar as mãos com água e sabão é melhor do que aplicar álcool em gel para nos proteger?” – foi a que apresentou um índice mais elevado de dúvida e descrença. Dessa forma, os resultados indicam que as informações mais passíveis de equívoco entre os inquiridos na altura da aplicação do questionário são aquelas relacionadas a medidas individuais de prevenção e à identificação dos sintomas do coronavírus.

O estudo aponta para a existência de uma correlação estatística negativa entre a idade e a crença nas informações enganosas. Sabemos que as crianças mais velhas têm uma melhor perceção da realidade, bem como realizam uma melhor interpretação das notícias a que são expostas<sup>72,73</sup>, mesmo que essa exposição resulte de forma acidental devido à preferência dos pais em consumir esses conteúdos<sup>74</sup>. Numa tenra idade,

---

<sup>72</sup> Dafna Lemish, “What is news? A cross-cultural examination of kindergartners’ understanding of news”, *Communications* 23, 4 (1998): 491–504. <https://doi.org/10.1515/comm.1998.23.4.491>

<sup>73</sup> John C Wright, Aletha C. Huston, Alice Leary Reitz e Suwatchara Piem-yat, “Young children’s perceptions of television reality: determinants and developmental differences”, *Dev. Psychol* 30, 2 (1994): 229. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.30.2.229>

<sup>74</sup> Lemish, Dafna. “What is news?”, 491–504.

como por exemplo com apenas três anos, as crianças estão muito dependentes de uma informação simples e proveniente diretamente dos pais em contexto familiar, com pouca ou nenhuma capacidade em fazer uma interpretação correta da realidade.<sup>75,76</sup>

Em segundo lugar, passando para a Q2. – De que forma a percepção das crianças se encontra relacionada com o medo da pandemia? – 67,2 % das crianças afirmam ter medo ao coronavírus. Se por um lado, à semelhança de outros estudos<sup>77</sup>, as crianças têm muito medo da pandemia COVID-19, por outro lado, os nossos resultados não evidenciam relação entre o medo e a crença em informações enganosas e verdadeiras, como também não está dependente da idade das crianças. Outros estudos mostraram que o medo pode motivar uma maior procura de informações, o que resultaria num maior conhecimento sobre a doença, mas também numa maior exposição a conteúdos pouco credíveis e desinformativos<sup>78</sup>.

---

<sup>75</sup> John H Flavell, “The development of children’s knowledge about the appearance–reality distinction”, *Am. Psychol* 41, 4 (1986): 418-425. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.41.4.418>

<sup>76</sup> John C Wright, Aletha C. Huston, Alice Leary Reitz e Suwatchara Piemyat, “Young children’s perceptions of television reality: determinants and developmental differences”, *Dev. Psychol.* 30, 2 (1994): 229.

<sup>77</sup> Nahia Idoiaga, Naiara Berasategi, Amaia Eiguren, Maitane Picaza, “Exploring children’s social and emotional representations of the Covid-19 pandemic”, *Frontiers in Psychology* 11 (2020): 1952. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01952>

<sup>78</sup> Carola Salvi, Paola Iannello, Alice Cancer, Mason McClay, Sabrina Rago, Joseph E. e Dunsmoor, Alessandro Antoniotti, “Going viral: How fear, socio-cognitive polarization and problem-solving influence fake news detection and proliferation during COVID-19 pandemic”, *Frontiers in Communication* (2021).

Sabe-se que o medo de apanhar o vírus pode ter um efeito positivo na atitude das pessoas, motivando um maior cumprimento das medidas de segurança<sup>79,80</sup>, assim sendo, não se pode tirar, do nosso estudo, inferências sobre a relação entre o medo e a exposição das crianças inquiridas a informações enganosas.

A proposta deste estudo era lançar o olhar sobre a perceção das crianças nos primeiros dias de confinamento em função do Estado de Emergência, independentemente da região do país onde viviam, assim como das habilitações literárias dos seus pais, educadores ou responsáveis. Por não serem essenciais para os objetivos desta investigação, e também para não tornar demasiado longo um questionário a ser aplicado a crianças, não foram coletados estes e outros dados sociodemográficos da amostra. Ansiamos que outras investigações possam explorar a relação dos dados sociodemográficos das crianças e das suas famílias com a crença em informações enganosas que circulam na internet. Ainda a título de sugestões de estudos futuros, seria interessante indagar se os resultados alcançados terão a ver com o grau de literacia mediática das crianças, já que, quanto maior é a idade, menor é a crença nas informações

---

<sup>79</sup> Craig A. Harper, Liam P. Satchell, Dean Fido, Robert D. Lutzman, “Functional fear predicts public health compliance in the COVID-19 pandemic”, *International Journal of Mental Health and Addictio* 19, 5 (2021): 1875-1888. <https://doi.org/10.1007/s11469-020-00281-5>

<sup>80</sup> Jad Melki, Hani Tamim, Dima Hadid, Sally Farhat, Maha Makki, Lara Ghandour e Eveline Hitti, “Media Exposure and Health Behavior during Pandemics: The Mediating Effect of Perceived Knowledge and Fear on Compliance with COVID-19”, *Prevention Measures. Health Communication* (2020): 1-11. <https://doi.org/10.1080/10410236.2020.1858564>

enganosas. Entretanto, esperamos que o nosso estudo possa contribuir para a compreensão do fenómeno da desinformação entre esta audiência pouco estudada, as crianças.

## Bibliografia

Amat, Francesc, Andreu Arenas, Albert Falcó-Gimeno, e Jordi Muñoz. “Pandemics Meet Democracy. Experimental Evidence from the COVID-19 Crisis in Spain”. *SocArXiv* 6 (April), (2020). <https://doi.org/10.31235/osf.io/dkusw>

Austin, Erica W., Donald F. Roberts, Clifford I. Nass. “Influences of family communication on children’s television-interpretation processes”. *Communication Research* 17, 4 (1990): 545-564. <https://doi.org/10.1177/009365090017004008>

Bavel, Jay J. Van, Katherine Baicker, Paulo S. Boggio, Valério Capraro, Aleksandra Cichocka, Mina Cikara, Molly J. Crockett et al. “Using social and behavioural science to support COVID-19 pandemic response”. *Nature human behavior*. no. 4 (2020): 460-471. <https://doi.org/10.1038/s41562-020-0884-z>

Bernhardt, Jay. M., Elizabeth M Felter. “Online pediatric information seeking among mothers of young children: results from a qualitative study using focus groups”. *Journal of medical Internet research*. no. 6(1), e7, (2004). <https://www.jmir.org/2004/1/e7>

Bierwiazzonek, Kinga, Jonas R. Kunst, Olivia Pich. “Belief in COVID-19 conspiracy theories reduces social distancing over time”. *Applied Psychology: Health and Well-Being*, 12(4), (2020): 1270-1285. <https://doi.org/10.1111/aphw.12223>

Bruder, Martin, Laura Kunert. “The conspiracy hoax? Testing key hypotheses about the correlates of generic beliefs in conspiracy theories during the COVID-19 pandemic”. *International Journal of Psychology*. no. 57 (2021): 43-48. <https://doi.org/10.1002/ijop.12769>

Cardoso, Gustavo, Ana Pinto-Martinho, Inês Narciso, José Moreno, Miguel Crespo, Nuno Palma e Rita Sepúlveda. “Information and Misinformation on the Coronavirus in Portugal. Whatsapp, Facebook and Google Searches”, (2020). <https://medialab.iscte-iul.pt/information-and-misinformation-coronavirus-in-portugal/>

Carey, John. M., Victoria Chi, DJ Flynn, Brendan Nyhan e Thomas Zeitzoff. “The effects of corrective information about disease epidemics and outbreaks: Evidence from Zika and yellow fever in Brazil”. *Science advances*. no. 6(5), (2020). [https://doi.org/10.1126/sciadv.aaw7449open\\_in\\_new](https://doi.org/10.1126/sciadv.aaw7449open_in_new)

Coates, Anna E., Charlotte A. Hardman, Jason C. G. Halford, Paul Christiansen e Emma J. Boyland. “Food and beverage cues featured in YouTube videos of social media influencers popular with children: An explora-

tory study”. *Frontiers in psychology*, 10, 2142, (2019).  
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02142>

Cohen, Jacob. *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Earlbaum, 1998.

Dillard, James Price, Ruben Li, Chun Yang. “Fear of Zika: Information seeking as cause and consequence”. *Health Communication*, 36(13) (2021): 1785-1795. <https://doi.org/10.1080/10410236.2020.1794554>

Đorđević, J. Milošević, S. Mari, M. Vdović e A. Milošević. “Links between conspiracy beliefs, vaccine knowledge, and trust: Anti-vaccine behavior of Serbian adults”. *Social Science & Medicine*. n° 277, 113930 (2021). <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.113930>

Eberl, Jakob-Moritz, Robert A. Huber, and Esther Greusing. “From Populism to the ‘plandemic: Why Populists Believe in COVID-19 Conspiracies”. *SocArXiv* 4 (October) (2020): 272-284. <https://doi.org/10.31235/osf.io/ejpw7>

Ebrahim, Ahmed Husain, Z. Q. Saif, M. Buheji, N. AlBasri, F. A. Al-Husaini e H. Jahrami. “COVID-19 information-seeking behavior and anxiety symptoms among parents”. *OSP Journal of Health Care and Medicine*. no. 1(1) (2020): 1-9. <https://www.ospublishers.com/pdf/HCM-1-105.pdf>

- Fernández-Torres, María Jesús, Ana Almansa-Martínez, Rocío Chamizo-Sánchez “Infodemic and fake news in Spain during the COVID-19 pandemic”. *International journal of environmental research and public health*, 18, no. 4 (12 Feb), 1781, (2021). <https://doi.org/10.3390/ijerph18041781>
- Findahl, Olle. *Swedes and the Internet 2013*. Stockholm: The internet infrastructure Foundation, 2013.
- Flavell, John H. “The development of children’s knowledge about the appearance–reality distinction”. *Am. Psychol.* no. 41(4) (1986): 418-425. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.41.4.418>
- Guasti, Petra. “The impact of the Covid-19 pandemic in Central and Eastern Europe: The rise of autocracy and democratic resilience”. *Democratic Theory* 7, no. 2 (2020): 47-60. <https://doi.org/10.3167/dt.2020.070207>
- Gonçalves, Gisela, Valeriano Piñeiro-Naval, Bianca Perisic Toniolo. “Em Quem Confiam os Portugueses? A Gestão da Comunicação Governamental na Pandemia Covid-19”. *Comunicação e Sociedade*, 40 (2021): 169-187. [https://doi.org/10.17231/comsoc.40\(2021\).3251](https://doi.org/10.17231/comsoc.40(2021).3251)
- Harper, Craig A., Liam P. Satchell, Dean Fido, Robert D. Latzman. “Functional fear predicts public health compliance in the COVID-19 pandemic”. *International Journal of Mental Health and Addictio.* no. 19(5)

(2021): 1875-1888. <https://doi.org/10.1007/s11469-020-00281-5>

Haslam, Divna M., Amelia Tee, Sabine Baker. “The use of social media as a mechanism of social support in parents”. *Journal of Child and Family Studies*. no.26(7) (2017): 2026-2037. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0716-6>

Hayes, Andrew F., Klaus Krippendorff. “Answering the call for a standard reliability measure for coding data”. *Communication Methods and Measures*. no. 1(1) (2007): 77-89. <https://doi.org/10.1080/19312450709336664>

Holloway, Donell, Lelia Green, Sonia Livingstone. *Zero to eight: Young children and their internet us*. London. LSE, EU Kids Online, 2013. <https://ro.ecu.edu.au/cgi/view-content.cgi?article=1930&context=ecuworks2013>

Howard, Philip N, Lisa-Maria Neudert, Navana Prakash. “*Digital misinformation/ disinformation and children*”. UNICEF Office of Global Insight and Policy. (2021). <https://www.unicef.org/globalinsight/media/2096/file/UNICEF-Global-Insight-Digital-Mis-Disinformation-and-Children-2021.pdf>

Holub, Shayla Cin Cin Tan, Sanobar L. Patel, S.L. “Factors associated with mothers’ obesity stigma and young children’s weight stereotypes”. *Journal of Applied Developmental Psychology*, (2011). *Psychology*. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2011.02.006>

- Idoiaga, Nahia, Naiara Berasategi, Amaia Eiguren, Maitane Picaza. “Exploring children’s social and emotional representations of the Covid-19 pandemic”. *Frontiers in Psychology*, 11 1952 (2020). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01952>
- Imhoff, Roland, Pia Lamberty, P. “A bioweapon or a hoax? The link between distinct conspiracy beliefs about the Coronavirus disease (COVID-19) outbreak and pandemic behavior”. *Social Psychological and Personality Science*, no. 11 (2020): 1110-1118. <https://doi.org/10.1177/1948550620934692>
- Jenkins, Marina C., Megan A. Moreno. “Vaccination discussion among parents on social media: a content analysis of comments on parenting blogs”. *Journal of health communication*. no.25(3), (2020): 232-242. <https://doi.org/10.1080/10810730.2020.1737761>
- Johnson, Blair T., A. Lori, J. Scott-Sheldon, Leslie B. Snyder, Seth M. Noar e Tania B. Huedo-Medina. “Contemporary approaches to meta-analysis in communication research”. En *The SAGE Sourcebook of Advanced Data Analysis Methods for Communication Research*. Editado por Andrew Hayes, Michael Slater y Leslie Snyder, 311-347. California: Thousand Oaks Sage, 2008. <https://doi.org/10.4135/9781452272054.n11>
- Kim, Hye Kyung, Jeff Niederdeppe. “The role of emotional response during an H1N1 influenza pandemic on a college campus”. *Journal of Public Relations*

*Research*. no. 25(1) (2013): 30-50. <https://doi.org/10.1080/1062726X.2013.739100>

Knafo, Ariel, Neta Galansky. “The influence of children on their parents’ values”. *Social and personality psychology compass*. no. 2. 3 (2008): 1143-1161. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2008.00097.x>

Krippendorff, Klaus. “Agreement and information in the reliability of coding”. *Communication Methods and Measures* no. 5(2) (2011): 93-112. <https://doi.org/10.1080/19312458.2011.568376>

Lagoë, Carolyn, David Atkin. “Health anxiety in the digital age: An exploration of psychological determinants of online health information seeking”. *Computers in Human Behavior*. no. 52 (2015): 484-491. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.06.003>

Livingstone, Sônia, Daniel Kardefelt Winther, Marie Saeed. “*Global Kids Online Comparative Report*”. Papers inorer 1059, UNICEF Innocenti Research Report. Livingstone, 2019.

Lee, Jung Jae, Kyung-Ah Kang, Homem Ping Wang, Sheng Zhi, Janet Yuen Ha Wong, Siobhan O’Connor, Sook Ching Yang e Sunhwa Shin. “Associations between COVID-19 misinformation exposure and belief with COVID-19 knowledge and preventive behaviors: cross-sectional online study”. *Journal of medical Internet research*, 22. no. 11. (2020). <https://www.jmir.org/2020/11/e22205/>

- Lemish, Dafna. “What is news? A cross-cultural examination of kindergartners’ understanding of news”. *Communications*. no. 23(4) (1998): 491–504. <https://doi.org/10.1515/comm.1998.23.4.491>
- Luiz, Thiago Cury. “Populismo e desinformação no contexto da Covid-19: uma reflexão em torno das manifestações de Jair Bolsonaro durante a pandemia”. *Mediapolis—Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*. no. 11 (2020): 57-70. [https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_11\\_4](https://doi.org/10.14195/2183-6019_11_4)
- Melki, Jad, Hani Tamim, Dima Hadid, Sally Farhat, Maha Makki, Lara Ghandour e Eveline Hitti. “Media Exposure and Health Behavior during Pandemics: The Mediating Effect of Perceived Knowledge and Fear on Compliance with COVID-19. Prevention Measures”. *Health Communication* (2020): 1-11. <https://doi.org/10.1080/10410236.2020.1858564>
- Jolley, Daniel, Karen M. Douglas. “The effects of anti-vaccine conspiracy theories on vaccination intentions”. *PloS one*, no. 9(2), e89177. (2014). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0089177>
- Moreno, José, Ana Pinto Martinho, Gustavo Cardoso, Inês Narciso, Nuno Palma, Rita Sepúlveda e Miguel Crespo. “Informação e desinformação sobre o Coronavírus em Portugal-WhatsApp, Facebook e Pesquisas”. (2020). <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/informacao-e-desinformacao-sobre-o-coronavirus-em-por>

tugal-whatsapp, facebook-e-pesquisas/70894

Moreno, José, Inês Narciso, Rita Sepúlveda. “Dinâmicas de circulação de conteúdo (des) informativo sobre a COVID-19 no WhatsApp, nos media e nas redes sociais online” (2021). <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/22708>

Oliver, J. Eric, Thomas Wood. “Medical conspiracy theories and health behaviors in the United States”. *JAMA internal medicine*, no. 174(5) (2014): 817-818. <https://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/article-abstract/1835348>

PAHO. “Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19”. (2020). <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054>

Patatt, Caroline, Fernando Jesus Rocha. “O fact-checking no Brasil e em Portugal: uma análise dos sites Agência Lupa e Polígrafo no combate às fake news relacionadas com o Coronavírus”. *Estudos de Jornalismo*. No. 11 (2020): 6-20. [https://www.revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20200801-ej11\\_2020.pdf#page=6](https://www.revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20200801-ej11_2020.pdf#page=6)

Paulino, Fernando Oliveira, Silvio Waisbord. “Las narrativas del populismo reaccionario: Bolsonaro en Twitter durante la pandemia”. *Mediapolis—Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, no. 12 (2021): 33-48. [https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_12\\_2](https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_2).

Persici Toniolo, Bianca, João Pedro Baptista, Cecília Ramos, Valeriano Piñeiro-Naval e Anabela Gradim. “Conhecimentos Gerais e Percepção das Crianças Portuguesas Sobre o COVID-19”. En *Advances in Intelligent Systems and Computin*, 179-197. Suíça: Springer, 2021. [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-68418-1\\_19](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-68418-1_19)

Ponte, Cristina; Susana Batista. “EU Kids Online Portugal”. Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos). (sl): EU Kids Online e NOVA FCSH. (2019). <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/eukidsonline/documentos>

Remmerswaal, Danielle, Peter Muris. “Children’s fear reactions to the 2009 Swine Flu pandemic: The role of threat information as provided by parents”. *Journal of anxiety disorders* no. 25(3) (2011): 444-449. <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2010.11.008>

Salvi, Carola, Paola Iannello, Alice Cancer, Mason McClay, Sabrina Rago, Joseph E. Dunsmoor e Alessandro Antonietti. “Going viral: How fear, socio-cognitive polarization and problem-solving influence fake news detection and proliferation during COVID-19 pandemic”. *Frontiers in Communication* (2021). <https://doi.org/10.3389/fcomm.2020.562588>

Simões, José Alberto, Cristina Ponte, Eduarda Ferreira, Juliana Doretto e Celiana Azevedo. “Crianças e meios digitais móveis em Portugal”. Resultados nacionais do

projeto Net Children Go Mobile. Lisboa: CESNOVA. (2014).

Sinclair, Stacey, Elizabeth Dunn, Brian Lowery. “The relationship between parental racial attitudes and children’s implicit prejudice”. *Journal of Experimental Social Psychology*. no. 41(3) (2005): 283-289. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2004.06.003>

Smahel, David, Hana Machackova, Giovanna Mascheroni, Lenka Dedkova, Elisabeth Staksrud, Kjartan Ólafsson, Sonia Livingstone e Uwe Hasebrink. “EU Kids Online 2020”. Survey results from 19 countries. (2020). <https://doi.org/10.21953/lse.47fdeqj01of0>

Sommariva, Silvia, Cheryl Vamos, Alexios Mantzarlis, Lillie Uyên-Loan Đào, e Dinorah Martinez Tyson. “Spreading the (fake) news: exploring health messages on social media and the implications for health professionals using a case study”. *American journal of health education*. no. 49(4) (2018): 246-255. <https://doi.org/10.1080/19325037.2018.1473178>

UNICEF. “How to talk to your child about coronavirus disease 2019 (COVID-19)”. (2020). <https://www.unicef.org/coronavirus/how-talk-your-child-about-coronavirus-covid-19>

Uscinski, Joseph E. Adam M. Enders, Casey Klofstad, Michelle Seelig, John Funchion, Caleb Everett, Stephan Wuchty et al. “Why do people believe COVID-19 conspiracy theo-

ries?”. *Harvard Kennedy School Misinformation Review*. (2020). <https://misinforeview.hks.harvard.edu/article/why-do-people-believe-covid-19-conspiracy-theories/>

Vieten, Ulrike M. “The “new normal” and “pandemic populism”: the COVID-19 crisis and anti-hygienic mobilisation of the far-right”. *Social Sciences*. no. 9(9) (2020): 165. <https://doi.org/10.3390/socsci9090165>

Wright, John C., Aletha C. Huston, Alice Leary Reitz, Suwathara Piemyat. “Young children’s perceptions of television reality: determinants and developmental differences”. *Dev. Psychol.* no. 30(2) (1994): 229. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.30.2.229>

YAŞAROĞLU, Cihat. “Youtubers’ Effect on Children’s Values: Parents’ Views”. *European Journal of Educational Sciences*. no. 7(4) (2020): 1-15. <http://dx.doi.org/10.19044/ejes.v7no4a1>

## Anexo I. Categorização do questionário aplicado

Questões	Categorias	RESPOSTAS ABERTAS
Qual a idade da criança que está a responder ao inquérito?	Identificação	
Qual o seu país de residência?		
Dentro das seguintes opções, indique aquela que se adequa ao ano escolar que frequenta.		
A criança tem medo do coronavírus? Porquê?	Receio/medo da doença	
Já existe uma vacina para o coronavírus?	Informações enganosas	
Se conseguir segurar a respiração por mais de 10 segundos é porque não tem o coronavírus?		
Beber água a cada 15 minutos reduz o risco de contaminação?		
A pele negra é mais resistente ao coronavírus que a pele branca)		
Os animais de estimação podem passar o vírus para os humanos?		
Não posso ficar com os meus avós ou com pessoas idosas agora que estou sem aulas?	Informações verdadeiras	
Lavar as mãos com água e sabão é melhor do que aplicar álcool em gel para nos proteger?		
Já morreram pessoas em Portugal por causa do coronavírus?		

## Anexo II. Fiabilidade da recodificação das variáveis (Alpha de Krippendorff)

Variáveis	<i>Alpha</i> de Krippendorff
<b>Informações enganosas</b>	
1. Já existe uma vacina para o coronavírus?	0,91
2. Se conseguir segurar a respiração por mais de 10 segundos é porque não tem o coronavírus?	0,96
3. Beber água a cada 15 minutos reduz o risco de contaminação?	0,97
4. A pele negra é mais resistente ao coronavírus que a pele branca?	0,88
5. Os animais de estimação podem passar o vírus para os humanos?	0,98
<b>Informações verdadeiras</b>	
1. Não posso ficar com os meus avós ou com pessoas idosas agora que estou sem aulas	0,84
2. Lavar as mãos com água e sabão é melhor do que aplicar álcool em gel para nos proteger?	0,98
3. Já morreram pessoas em Portugal por causa do coronavírus?	0,85
<b>Medo ao coronavírus</b>	
Tem medo ao coronavírus?	0,99